o discurso do analista atravessa "uma outra cena"

Clarice Gatto

O discurso do analista se difere dos demais discursos formalizados por Lacan ao atravessar "uma outra cena" (*ein anderer Schauplatz*[1]), ficcional, íntima e singular na história do analisante, situando a produção de novos significantes em cadeia e tornando possível a "exploração do inconsciente" na análise — como demarca Freud ao inventar a *práxis* da psicanálise.

A partir do *fragmento* de um caso clínico acolhido em 1991 no ambulatório público onde trabalho, demarco, baseada no encaminhamento feito inicialmente pelo médico, a entrada em análise caracterizada pela manifestação do *discurso do analista* e extraio algumas conseqüências das dificuldades encontradas. Nossa "formação" passa *ex nunc* pela forma de ação ante o "momento de fracassar", ainda que "o discernimento a que faz apelo" se dê *a posteriori*. Conforme observa Lacan no *Discurso à E.F.P.*: "Minha *Proposição* não ignora que o discernimento a que faz apelo implica, dessa não reversibilidade, a apreensão como dimensão: [outra escansão do tempo lógico, *o momento de fracassar* só é um êxito para o ato se o instante de passar por ele não foi passagem ao ato, ao parecer seguir o tempo para compreendê-lo]".[2]

A partir deste *fragmento* clínico marco alguns pontos que me fizeram questão, especialmente a partir dos desdobramentos teóricos durante o seminário de Antonio Quinet. Ao se interrogar sobre "O que faz o psicanalista?", Quinet escreve logo em seguida: "ato e interpretação". Estas sentenças podem ser tomadas como uma afirmação? Ou "o que faz o psicanalista" está marcado, exatamente, por este *ponto* que separa uma pergunta de sua significação? Ou ainda, na ambigüidade da pergunta sobre "o que faz o psicanalista", a equivocidade estaria alhures, lá, no modo como cada um de nós contorna o que experimentou clinicamente sobre o que fez no que se passou, e sobre o que fez depois, quando em suas deduções lógicas formaliza a Psicanálise escrevendo?

interpretação e ato

Freud, em *A interpretação dos sonhos*[3] (*Die Traumdeutung*), articula ao trabalho da *significatividade* (*Deutung*) a incidência do desejo do narrador no "trabalho do sonho". Dizia que a

* Trabalho apresentado no II Encontro Nacional da Associação Fóruns do Campo Lacaniano, Aracaju, Brasil, 2000. Este trabalho foi inicialmente parte de minha tese de mestrado, *A experiência psicanalítica: algumas questões a partir do ambulatório público de saúde dos trabalhadores.*

[1] "*ein anderer Schauplatz*" é uma metáfora de Fechener aludida por Freud diversas vezes em *A interpretação dos sonhos*. "Die Traumdeutung". *Studienausgabe*. v.II, Frankfurt a.M., S. Fischer, 1994. Cf. Jacques Lacan. *Écrits*. Paris: Seuil, p.548 e 628.

[2] Cf. J. Lacan em "Discurso a E.F.P.", *Scilicet*, n.2/3, p.13.

[3] Cf. especialmente o artigo de Mustapha Safouan "Les procédés de figuration du rêve". *Littoral*, n.2, Paris, Érès, 1981. Cf. Freud, S. *Quelques suppléments à l'ensemble de l'interpretation des rêves(1925)*, nesta mesma revista, p.91-107, tradução e notas de Suzanne Hommel e Erik Porge.

"interpretação do sonho" só poderia vir do próprio sonhador, pois é no ato de narrar o próprio sonho que o analisante tem a possibilidade (ou não) de extrair as conseqüências necessárias sobre as palavras significarem mais do que dizem. Essa possibilidade aberta à significação imprime, na verdade, uma procura pela significatividade — permitindo deslizar a cadeia da linguagem no sentido de exprimir *algo*... Graças às *associações livres* que vêm no "momento querido", um sonho se interpreta, e o inconsciente é esta significação. A interpretação, desta maneira, comenta Mustapha Safouan, equivale a uma formulação do *pensamento do sonho*. E o pensamento, nos diz Freud, é o substituto do desejo (*Wunsch*) alucinado.[4] Neste sentido, "o trabalho do sonho consiste em transformar o *conteúdo latente* em *conteúdo manifesto* e a comparação entre as duas versões permite descobrir os mecanismos deste trabalho". Nessa leitura, assinala Safouan, está incluído o trabalho do "dito espirituoso", o *Witz* freudiano, como condição de possibilidade para a suspensão da homologia especular estabelecida pela comparação entre os dois "conteúdos".

[4] Freud, S. "Die Traumdeutung". In: *Studienausgabe*. v.II, *op. cit.*, capítulo 7, letra C, p.540.

A estrutura do *Witz*, como notara Freud em *O Witz e sua relação com o inconsciente*,[5] de 1905, inclui imperiosamente a presença de uma terceira pessoa, diversamente do *cômico* e do *humor* que funcionam basicamente através de uma relação dual, entre o eu e a pessoa-objeto do gozo.

[5] Cf. Freud, S. "Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten". In: *Studienausgabe*. v.IV, *op. cit.*

Analogamente ao lugar do espectador de tragédia, que se destina ao gozo do olhar, o autor do *Witz* em seu espetáculo endereça-se à escuta do outro, ao secreto desejo do ouvinte de querer despender sua energia e se interessar pelo dito espirituoso. Freud retoma, então, a frase de Shakespeare para demonstrar que "o êxito do *Witz* depende de quem o *escuta* e não de quem o diz". Neste sentido, podemos aproximar o trabalho analítico da estrutura do "trabalho do *Witz*" (*Witzarbeit*) no que este presentifica o endereçamento ao lugar vazio deixado por um outro, desconhecido em sua recepção, mas potencializado em sua *existência*: assentimento ou não, abertura às *alegorias*. O *Witz* ou *dito espirituoso* funciona no registro da "pulsão invocante" que tem, para Lacan, o privilégio de não poder se fechar, porque ela vai na direção do outro, vai para... Daí o efeito renovado de *surpresa* ou de novidade sempre evocado nos encontros humanos. Freud aproxima a satisfação do riso no *Witz* ao leve sorriso do bebê adormecido, depois da mamada, um prazer *quase* completo..., "automático", ele dizia, pois o *Witz* abre novas fontes de prazer lá onde havia se tornado inacessível.

O famoso *grafo do desejo* de Lacan, conhecido através de *Subversão do sujeito e dialética do desejo*, de 1957, uma das aulas de seu seminário *As formações do inconsciente*,[6] é uma apresentação formal a partir da estrutura do *Witz* (*mot d'esprit*)[7] para pensar o sujeito no desejo de... As elaborações de Lacan após os anos 70 retomam o *Witz* freudiano, os equívocos significantes pelo lado da letra, para articulá-los à travessia da fantasia em análise.

Entre os procedimentos da interpretação dos sonhos destacamos: a condensação (*Verdichtung*) e o deslocamento (*Verschiebung*), mas também a simultaneidade, a sucessão, a transformação, a alternância, a negação, a contradição, a semelhança, "no lugar de", "justamente ao contrário", "o absurdo do sonho", "a atividade intelectual no sonho". Deste modo, as imagens oníricas apresentam cenas ora retorcidas ora deslocadas de lugar, condensadas em mais de uma, engraçadas, angustiantes, amorosas, censuradas... O ato de colocar esse turbilhão de cenas em palavras exige de quem conta seu sonho a alguém a necessidade de estabelecer uma temporalidade, configurando o espaço através de seqüências, escolhas de entrada e saída nas cenas da história, cortes que deixam para trás ou para depois pedaços de história, pedaços muitas vezes retomados e levados a encontrar *mais* '*uma outra cena*' (*ein anderer Schauplatz*)... Freud chamava de "umbigo do sonho" esse empuxo a falar mais e mais esvaziando o sentido sem esgotá-lo, efeito do recalcamento originário (*Urverdrängung*).

Para esta apresentação, retomo a noção de *interpretação* por essa via do desejo, visando articulá-la à noção de *desejo do analista*.

Philippe Stasse em *A interpretação e o desejo do analista*,[8] de 1996, propõe o seguinte *matema* que nos facilita esta empreitada (e, ao lado, a tópica do inconsciente descrita por Lacan):[9]

A interpretação	Os lugares: tópica do inconsciente
O desejo do analista	$\frac{S}{s}$ (significante transferido / sujeito resultante)

A *interpretação* no lugar do significante transferido, acima da barra, tanto pode ser lida (decifrada) pela via do significante quanto escrita (cifrada) pela via da letra, assim indicando o movimento pulsional resultante (do lado de quem escuta) da "enunciação" do *desejo do analista*, abaixo da barra, recalcado. Mas se o sonho interpreta o desejo e a interpretação é a enunciação do desejo de quem interpreta, então, interroga

[6] Jacques Lacan. (1957-1958) *Les formations de l'inconscient*. Le séminaire livre V. Paris, Seuil, 1998.

[7] Cf. Lacan, J. "Position de l'inconscient". In: *Écrits*, *op. cit.*, p.840.

[8] Stasse, Philippe. "L'interpretation et le désir de l'analyste". *Quarto*, n.59, Bélgica, 1996.

[9] Lacan, J. "L'Instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud". In: *Écrits*, p.515.

Stasse, "é o *desejo do analista* que interpreta"? "E como opera o *desejo do analista* na direção do tratamento?", interrogou Lacan.

Em realidade, *o desejo do analista*, como significante, opera abrindo questões sobre a *causa* ou sobre o enigma que carregam as enunciações: "o que quer o outro...?", "Por que me falou assim...?", "Que quer dizer?", "Por que disse...?". Assim por diante, opera-se uma enxurrada de perguntas por onde "as formações do inconsciente", inseridas no âmbito do discurso, poderão ser analisadas.

A interpretação psicanalítica traz uma grande novidade, porque ela se afasta tanto da interpretação do oráculo antigo, que interpretava a vontade dos deuses, quanto da interpretação delirante (paranóica), que interpreta a vontade do *grande-outro*,[10] mas também se afasta da interpretação religiosa, que revela a vontade de Deus. Com Freud, o intérprete é aquele que escuta, digamos assim, a *alma* do desejo do grande-outro e, tocado por ela, diz de *si mesmo* algo enigmático, *sem-sentido*, ilógico... descompletado, porém, faz existir a realidade psíquica inconsistente. A interpretação, nesta perspectiva, encena o desejo e revela uma *causa* a saber.

O *ato*,[11] porém, está do lado do gozo, da repetição, da Coisa (*das Ding*), do encontro com a "falha de onde no grande-outro parte a demanda de amor...".[12] O *ato* é também "o que ao colocar o *objeto a*[13] no lugar do semblante, está na posição mais conveniente para fazer o que é justo fazer, a saber, interrogar como saber o que é da verdade", nos diz Lacan.[14] O ato, então, interroga o saber inconsciente como verdade subjetiva.

Entre ato e interpretação, porém, há *um* tempo. Tempo... de afirmação ou não da emergência de um sujeito no campo do outro. "Sujeito suposto pelo significante que o representa para outro significante." *Suposição* do sujeito suposto saber, que "abre" o inconsciente, instaura a transferência, faz emergir a cadeia associativa através da produção de lembranças.

Entretanto, fica a questão: se haveria uma conexão real entre a interpretação psicanalítica propriamente dita — em seu duplo efeito de *sentido* e de *borda*,[15] tal qual Freud fez no caso do Homem dos Lobos —,[16] e o *ato analítico*. Isso porque, no ato, o sujeito ocupa um lugar, assinalando ao mesmo tempo um movimento (pulsional). O sujeito em seu ato se encontra "representado como divisão pura: a divisão, diz Lacan, é seu representante (*Repräsentanz*)",[17] e esta ação se desenrola no *real*. O real sendo abertura entre o *semblante*, como resultante do simbólico, e a *realidade* tal qual ela é suportada no concreto da vida humana,[18] pela *fantasia*. É por essa via que algo toma lugar

[10] Soler, Colette. "Remarques sur l'interpretation selon Jacques Lacan". *Quarto*, n.59, Bélgica, 1996, p.82.

[11] Lacan, J. *O ato analítico*. O seminário livro 15. Edição pirata brasileira, s/d.

[12] J. Lacan. *Encore*. Le séminaire livre XX, Paris: Seuil, 1975.

[13] A noção de *objeto a* atravessa o ensino de Lacan e se modifica. Resumidamente, podemos dizer que *objeto a* é um conceito construído por ele para formalizar "a perda" dos *objetos parciais da pulsão* (Freud) presentificados durante uma análise. Remeto o leitor aos trabalhos de J. Lacan. Em particular, aos artigos de Maia, Angela Márcico. "As vertentes imaginária e real do eu". *Latusa*, n.1, Rio de Janeiro, Contra Capa, 1997 e de Dreyfuss, Jean-Pierre. "Remarques sur *das Ding* dans l'Esquise". *Littoral*, n.6, Paris, Érès, 1982.

[14] Lacan, J., *Encore*, *op. cit.* p. 88.

entre um e outro e marca os registros por onde nossa existência se move — *real, simbólico, imaginário,* em suas conexões *sintomáticas.*

Na apresentação que se segue trago alguns pontos que considero cruciais sobre o dispositivo analítico em serviço público de saúde, tais como: o *desejo do analista,* a ética que nos comove a tecer um percurso, bem como a *angústia real* e a sustentação de um lugar impossível, porque especialmente marcado por um *eterno retorno* da diferença, "enigma e querer".

o encaminhamento

Roberto me foi encaminhado pelo médico clínico da perícia do ambulatório. Após sucessivas renovações de licenças a cada 15 dias durante três meses, o médico percebeu que o sintoma clínico inicial demandando tratamento havia se deslocado: das sete pneumonias que *Roberto* havia contraído nos últimos três anos, três das quais nos últimos sete meses, permanecia apenas um "desinteresse" e um "adiamento" para voltar ao trabalho. O médico me pede então que eu atenda este rapaz. Este encaminhamento, em 1991, abria para mim a possibilidade de realizar o desejo de iniciar atendimentos individuais no ambulatório, pois até então eu só havia atendido alguns "grupos de trabalhadores", com demandas que acabavam sendo "dirigidas" pelo Serviço como relacionadas à organização do processo de trabalho, um misto de ativismo político e reducionismo dos sintomas como formações do inconsciente do sujeito no desejo de..., ao conflito meramente civilizatório entre capital e trabalho. Portanto, ao se excluir a subjetividade, excluía-se a leitura particular de cada um sobre esse conflito civilizatório, bem como as propostas de mudanças!

as entrevistas preliminares

Marco eu mesma um horário com *Roberto* para a primeira entrevista.

Às nove horas de terça-feira ele chega. Alegre, sorridente, com uma aparência ótima, bem vestido, de cabelos cortados, cheiroso...lindo! Bela imagem! "Espelho, espelho meu..."

Antes de ele começar a falar, eu — bastante nervosa e procurando ser sucinta — informo-lhe que estava iniciando um trabalho novo no ambulatório e que iríamos trabalhar por dois meses, após o que voltaríamos a conversar sobre a possibilidade ou não de continuarmos o tratamento. Deixemos este ponto em suspenso para comentá-lo *a posteriori.*

Na primeira entrevista ele me informou que tinha 32 anos, era casado, tinha dois filhos e sua profissão era a de

[15] Cf. os trabalhos de Julien, P. "La vérité parle, le savoir écrit (II)" e de Mayette Viltard. "Le trait de la lettre dans les figures du rêve", ambos em *Littoral,* n.2, Paris, Érès, 1981.

[16] Freud, S. "Aus der Geschischte einer infantilen Neurose. "Der Wolfsmann" In: *Studienausgabe.* v.VII, *op. cit.*, capítulo 8, p.207

[17] Cf. Porge, Erik. "Une forme du sujet: la subjectivation. D'après *Le temps logique.*", *op. cit.*

[18] Lacan, J. *Encore, op. cit.*, p.87.

tecnologista no laboratório de febre amarela. Era responsável pelo laboratório, porém, frisou lamentando-se não possuir o poder suficiente para decidir quanto aos rumos do laboratório... Não me falou das pneumonias. Do encaminhamento feito pelo médico — quando interrogado —disse-me apenas que tinha vindo para a entrevista porque quis. Começou a falar das dificuldades que sentia em voltar ao trabalho, desestimulado pelo desprestígio da chefia em relação a suas propostas de trabalho. Queixou-se de injustiça e da preferência da chefia por uma colega, pois não via a razão para isso. Estavam juntos ali desde a época em que ambos eram ainda estagiários, antes mesmo de concluírem a graduação.

Na segunda entrevista, contou da rivalidade que se estabeleceu entre ele e essa colega que estava de malas prontas para desenvolver um estágio nos Estados Unidos por conta do doutorado. Falou de seu percurso acadêmico, marcado por diversas interrupções: desde cursos de extensão mais curtos, até um curso de mestrado. Atribuiu inicialmente essas interrupções às dificuldades que ele mesmo encontrou para negociar junto à chefia sua própria liberação. Justificou-se, no entanto, desfiando um rosário de queixas de injustiças, preferências, privilégios e foi também onde interrompi a sessão...

Conforme pontuou Lacan, especialmente no *Encore*, de 1975, o *discurso da histérica* — ilustrado por essa sessão — produz um grande-outro que *sabe*, ainda que impotente, como demonstra o *matema*[19] abaixo:

[19] Lacan, J. *Encore*, *op. cit.*, p.87.

Discurso da histérica

$$\frac{\$}{a} \quad \rightarrow \quad \text{impotência} \quad \frac{S1}{S2}$$

Os lugares

O agente	O outro
A verdade	A produção

Na terceira entrevista, ele comentou que já tinha notado a "minha" atitude em interromper as sessões, reclamou de meus atrasos, mas brincou dizendo que procurou me dar crédito... E começou a fazer uma série de *associações* a partir do *nome próprio* de sua chefe — que até então eu não sabia, porque não havia perguntado — e quando o repeti, buscando me certificar, errei ao pronunciá-lo, mas o erro acertou em cheio um outro nome com o qual ele, ao escutar, surpreendeu-se, envergonhou-se, e me revelou como sendo o nome de sua babá! Estranho, disse ele.

"Babá...?!", eu exclamei, perplexa. E novamente a sessão foi interrompida.

Na verdade, aqui houve *equívoco significante*, conforme Lacan o demarcou em *L'Etourdit*,[20] especialmente na afirmação que ele fazia "o inconsciente é um equívoco" — "*Unbewusste c'est une bévue*" —,[21] servindo-se da homofonia entre o alemão e o francês e fazendo um trocadilho entre o materno e o estrangeiro. (Como dizia Freud, "o materno é o estrangeiro"[22].)

O *nome próprio* funcionou como um significante mestre (S1), instaurando o dispositivo da transferência, porém "o *nome próprio* é a ligação não ao som, mas à escrita", demarca Philippe Julien. O que significa dizer que o *nome próprio* não funciona como a fórmula da metáfora, operando a substituição de uma palavra por outra, e sim através de uma "metáfora falhada", indicando com o absurdo instaurado um ponto de *non sense*, e ele "não pode ser reduzido à categoria de puro meio instrumental visando ao sentido; ele continua presente na atenção dos interlocutores, em sua consistência de modulação diferenciada".[23] Não há substituição aqui, e sim castração simbólica.

A conseqüência deste *equívoco significante,* na realidade, é encenar o enigma que causa uma série de perguntas sobre o *desejo do analista: que queres dizer com isso...? Por que eu disse...?*, recolocando no âmbito do *discurso do analista* a possibilidade de dizer algo sobre isso que insiste em ser representado.

Abaixo, temos o esquema da transferência proposto por Lacan:[24]

Os lugares: tópica do inconsciente

$$\frac{S}{s\ (S^1, S^2, \ldots S^n)} \rightarrow S_q \qquad \frac{S}{s}$$

Os termos são:
S = significante da transferência
S_q = significante qualquer
s = sujeito resultante
$S^1, S^2, \ldots S^n$ = cadeia significante

Na sessão seguinte ele voltou e me disse que não entendeu porque eu havia ficado tão surpresa. Ele tinha ficado um pouco envergonhado, sim, mas que não podia deixar de admitir e de me contar que ele tinha tido uma babá até os 15 anos de idade. Por que não?!

Mas como, uma babá até os 15 anos de idade? (Eu fiquei mais surpresa ainda...). Prossegui perguntando, "e as

[20] Jacques Lacan. "L'Etourdit". *Scilicet*, n.4, Paris, Seuil, 1973.

[21] Citado por Philippe Julien, *op.cit.*, p.92.

[22] Freud, S. "Die Zerlegung der psychischen Persönlichkeit" (Conferência 31). In: *Studienausgabe*. v.I, *op. cit.*

[23] Cf. Julien, Philippe. *O retorno a Freud de Jacques Lacan, aplicação ao espelho.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, p.110.

[24] Conferir Lacan, Jacques. "Proposição de 9 de outubro de 1967, sobre o psicanalista da Escola". *Scilicet*, n.1. Paris, Seuil, 1968.

namoradas, você não tinha uma?". No que ele me respondeu que, até os 15 anos, não! Que só havia beijado na boca depois que a babá se aposentou... E aí começou a história dele a ser contada na transferência comigo, que transcorreu "livre, leve e solta", com saltos e alguns abalos, até completar três sessões antes do "fim".

Neste período curto de dois meses, ele voltou ao trabalho, transferiu-se de setor, conseguiu se decidir em fazer novamente o concurso para o mestrado, enfim, estava andando... e progredindo. Até que, no transcorrer deste tempo a miragem da ampulheta esvaziava no horizonte o tempo, e deixava ao espaço inconsciente maus ventos!

as três últimas sessões: a negação da analista

Na antepenúltima sessão, ele perguntou se eu me lembrava do que havia lhe dito... "Quando?", perguntei, ele ficou embaraçado e deslocou o tema, passando a falar de como a sua análise havia despertado em sua mulher também o desejo de fazer análise. Mas ela, diferente dele, preferia "pagar pela própria análise". Este "pagar pela própria análise" começou a incomodá-lo... fazendo-lhe questão.

Na penúltima sessão, ele me disse que havia decidido procurar uma "análise fora", pois a situação de não estar pagando aliada à possibilidade de os colegas de trabalho descobri-lo, *vê-lo* sair dali, deixava-o constrangido. Eis aí a *Schaulust* — a curiosidade e o gozo do olhar — apontado por Freud, neste caso sendo atribuído aos outros ("substitutos" das figuras parentais, conforme nos indica Freud). Depois disso, ele me fez o seguinte pedido: "eu acho que você é a pessoa mais indicada para me escolher uma analista, pois você já sabe um pedaço da minha história...". Naquele instante instaurava-se o "discurso do analista", de onde emerge o *sujeito suposto saber*. A viragem que se opera é diversa do *discurso da histérica*: o *discurso do analista* produz significantes em cadeia a partir de "uma outra cena" (*ein anderer Schauplatz*), *ficcional*, íntima e singular na história do analisante, mas que se repete estruturalmente na análise, e o outro significante (S2), no lugar da verdade, articula a pergunta recalcada sobre o agente da "causa" de desejo: *Che vuoi? Que queres?* Como podemos ver no *matema* abaixo:

Discurso do analista

$$\frac{a}{S2} \quad \text{impossibilidade} \quad \leftarrow \quad \frac{\$}{S1}$$

Nesta altura do campeonato, eu pressentia que ele iria embora, e fui atravessada por uma angústia enorme, pois não sabia *como fazer* nem *o que fazer* para me desembaraçar do que operava naquela "realização de desejo" (*Wunscherfüllung*) ou "realização de um voto (*voeux*) inconsciente".[25]

Tanto na supervisão quanto na minha análise, os comentários giraram em torno da "ética do encaminhamento" do ambulatório para o meu consultório. Na *supervisão*, a marcação era a de que eu deveria encaminhá-lo e ponto. Na *análise*, a interrogação ficava por conta do porque eu achava que teria que encaminhá-lo... se este era o caso. Obviamente que o caso não era esse e o tempo passou e ele se foi.

A pergunta sobre a *atividade* do desejo do analista — tributário do *Wissentrieb*[26] e da metáfora freudiana do *enigma da esfinge* — veio, mas só muito tempo depois, quando li os artigos de outros analistas[27] que ousavam publicamente (se) interrogar sobre a diferença entre "o desejo sexual", a escuta analítica e o "desejo do analista", assim como fez Freud ao escrever a Psicanálise a partir de sua clínica. O *desejo do analista* carrega, então, em sua histórica existência, a marca do *Nome-do-pai*, significante sem par que serve para realizar os encobrimentos necessários ao *ser-sexuado*, e como tal não é um desejo puro, mas o desejo de uma pura diferença que inclui o desejo sexual...

Moral da história: na última sessão, ele chega me perguntando, aflito, sobre a indicação, se eu havia me lembrado, se eu tinha visto para ele, no que eu mais uma vez adiei a resposta. Em realidade, deneguei. Mas neguei o que, senão o próprio "pensamento desejante" (*Wunschgedanke*), *wishfull thinking*,[28] fé naquilo que a gente quer que seja verdade...? Pensamento "cheio" de desejo que caminha na direção inversa da emergência real do inconsciente... é a própria "conciliação dos contrários", conforme assinalou Lacan.

É evidente que me ocorreu a idéia de dar a ele o cartão com o endereço do consultório, na época recém-inaugurado, mas fiquei totalmente inibida e me senti duplamente envergonhada...

Na última sessão, porém, ele me revelou em um "ato de palavra" — hoje, ao escrever, reconheço a generosidade do inconsciente — o ato que eu havia feito no começo. Ato que em realidade eu não sustentei como analista, mas que esteve lá no começo ao demarcar um tempo de escuta de uma demanda amorosa, mas talvez desatenta ao desejo...

[25] Lacan, J. "La direction de la cure et les principes de son pouvoir", *Écrits*, *op. cit.* p.620.

[26] Freud, nos "Três Ensaios para uma Teoria Sexual" (1905), atribui a atuação desta atividade (pulsional) por um lado a uma apreensão sublimada e, por outro, atua com a energia do prazer de contemplação na investigação sexual infantil, especialmente a partir da evocação da pergunta sobre a "proveniência" (*Herkunft*) dos bebês.

[27] Cf. Souza, Alduízio M. de. *Transferência e interpretação, ensaio clínico lacaniano.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. Calligaris, Contardo. *Hipótese sobre o fantasma.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. Soler, Colette. "Una pasión de transferência, M. Milner y el caso de Susana". In: *Psicosis y Psicoanalisis* Buenos Aires: Manantial, 1985.

[28] Lacan, J. "Du "Trieb" de Freud et du désir du psychanalyste". *Écrits*, *op. cit.*, p.852

Eu ainda esperei que ele voltasse na sessão seguinte. Tive vontade de procurá-lo depois de uns dias, mas fiquei dividida entre ser *a analista* ou *a namorada*... Na verdade, não há esta diferença, pois ela já é em si endereçamento, pedido, demanda de amor... *quem sou eu para você*...?. Ele não voltou. Uma saudade me acossou. Lembrei-me inicialmente de quanto o achava chato, e me surpreendi com aqueles sentimentos... Logo em seguida, associei o nome dele, que obviamente não era Roberto, ao nome do meu primeiro analista que havia morrido tragicamente... Hoje, ao reescrever este trabalho, dei-me conta de como essa lembrança veio simplesmente encobrir um furo, uma impossibilidade de se saber imediatamente responder ao desejo, mas também serviu para indicar o que era ali estrutural. *Wo Es war, soll Ich werden*,[29] onde isso era, eu devo advir!

A posteriori, abriu-se a possibilidade para que outra coisa, acossada por minha "vontade" de saber pudesse *se escrever*... (Mas foi necessário, após esse encontro, ter sido acolhida em minha própria história pessoal.)

A *dimensão "clínica"* da *experiência psicanalítica* implica, a meu ver, a construção de uma verdade, temporária — bem entendido — e diversa, portanto, da clínica médica, porque o sujeito na palavra que transita no discurso do analista é evanescente e completamente desrazoável... Se alguém possui alguma razão, podes crer, isso de jeito nenhum será para sempre, simplesmente porque a vida é finita... Apesar de a noção de *infinito* ter causado um grande furor nos primeiros passos da modernidade, o inquietante destino de Giodarno Bruno abriga mais mistério do que imagina a nossa vã filosofia...[30]

~

[29] Freud, S. (Conferência 31) "Die Zerlegung der psychischen persönlichkeit" In *Studienausgabe*. v.I. Frankfurt a. M., S. Fischer, 1994, p.514.

[30] Bruno, Giordano. "Sobre o infinito, o universo e os mundos". In: *Os Pensadores*. São Paulo: Victor Civita, 1973; Stengers, Isabelle. *Quem tem medo da Ciência? Ciências e Poderes*. São Paulo: Siciliano, 1990, p.111-141.